

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JOSÉ MÁRIO BRANCO — A MORTE NUNCA EXISTIU

13 de Abril de 2022

## FADO CAMANÉ / 2014

um filme de BRUNO DE ALMEIDA

*Realização, Produção, Montagem:* Bruno de Almeida *Fotografia:* Paulo Abreu *Câmara:* Paulo Abreu, Bruno de Almeida, Tiago Cravidão *Som directo:* Paulo Abreu, Bruno de Almeida, Tiago Cravidão *Pós-produção áudio:* Miguel Martins *Misturas:* Miguel Martins, Tiago Ventura *Assistentes de montagem:* Adriana Alcântara, Tiago Cravidão *Com:* Camané, José Mário Branco, Manuela de Freitas, José Manuel Neto, Carlos Manuel Proença, Carlos Bica.

*Produção:* BA Filmes Portugal (Portugal, 2014) *Produtor associado:* Diogo Varela Silva *Coordenador de pós-produção:* Nelson Lopes *Primeira exibição pública absoluta:* 17 de Outubro de 2014, no DocLisboa'14 *Estreia comercial em Portugal:* 23 de Outubro de 2014, nos cinemas Ideal, Medeia Fonte Nova, Medeia Monumental, NOS Dolce Vita Coimbra, Amoreiras, Oeiras Parque, Dolce Vita Porto, Almada Fórum *Cópia:* ANIM, DCP, preto-e-branco, 71 minutos, falado em português *Primeira exibição na Cinemateca de CAMANÉ — “AS GRAVAÇÕES DE SEMPRE DE MIM”,* versão de montagem de 2013: 6 de Novembro de 2013 (“Camané por Bruno de Almeida”) *Primeira exibição na Cinemateca:* 4 de Julho de 2015 (“Disquiet – Programa Literário Internacional”).

---

No estúdio com Camané e José Mário Branco. A ideia está no fulcro do filme de Bruno de Almeida, que propondo um retrato de artista vislumbra uma fase do intenso trabalho criativo que ambos mantiveram por férteis anos. FADO CAMANÉ é a mais recente longa-metragem documental – e “musical” – de Bruno de Almeida, cuja obra tem balançado entre a pluralidade de trabalhos, documentais e de ficção, na curta e na longa-metragem, e pela primeira vez se cruzou com o universo do fado em THE ART OF AMÁLIA (1999), realizado a partir da série televisiva de cinco horas “Amália, Estranha Forma de Vida” igualmente por si assinada (1994). Com Camané, no cinema, o primeiro “encontro” deu-se em THE LOVEBIRDS (2007), a longa-metragem da noite em Lisboa que termina ao som de *A Luz de Lisboa (Claridade)*, de Camané. Depois, Bruno de Almeida filmou Camané como actor em OPERAÇÃO OUTONO (2011), centrado no assassinio de Humberto Delgado, entregando-lhe o papel de um guarda-fronteira da PIDE. Entretanto, a convite de Camané, realizou CAMANÉ, AS GRAVAÇÕES DE SEMPRE DE MIM (2008) numa versão de 30 minutos, editada em dvd pela EMI Music a acompanhar o lançamento do quinto álbum de originais de Camané, altura em que igualmente realizou o videoclip SEI DE UM RIO, para o tema de título homónimo com música de Alain Oulman e letra de Pedro Homem de Mello. A “genealogia” de FADO CAMANÉ (concluído com o apoio do Museu do Fado) parte de CAMANÉ, AS GRAVAÇÕES DE SEMPRE DE MIM (2008) a cujo material Bruno de Almeida voltou em 2013, montando uma versão mais longa (de cerca de 60 minutos e que incluía o videoclip) que apresentou na Cinemateca no final desse ano. FADO CAMANÉ tem diferenças assinaláveis em relação a essa versão, a mais pronunciada das quais é a presença do discurso de Camané na entrevista filmada fora do estúdio, aqui montada em alternância com as imagens da gravação em estúdio (em que a versão de 2013 mostrada na Cinemateca se concentrava).

Sobre o registo documental CAMANÉ, AS GRAVAÇÕES DE SEMPRE DE MIM e notando como Camané lhe deu na altura total liberdade para filmar, escreveu Bruno de Almeida na “folha” que acompanhou a referida sessão de 2013: “O que fizemos durante várias semanas no início de 2008. Sempre achei os estúdios lugares míticos. As gravações do álbum foram feitas nos Estúdios Valentim de Carvalho, em Paço de Arcos, e foi impossível não sentir a presença de Amália. Pelo menos para mim. Ali foram gravados quase todos os seus discos. CAMANÉ, AS GRAVAÇÕES DE SEMPRE DE MIM acabou por ser um filme também sobre a relação entre José Mário Branco e Camané. A densidade dramática e a perfeição que o produtor impõe ao artista, que a usa, atentamente, para se expandir e levar a interpretação a níveis absolutamente geniais. Sempre sob o olhar atento e participativo de Manuela de Freitas, que assina alguns dos poemas; a direcção de José Mário Branco é exemplar, na sua sensibilidade, especificidade e profundidade.”

Nascido portanto da vontade de Bruno de Almeida em filmar Camané, da correspondente vontade de Camané na altura e da de ambos em prolongarem esse “diálogo”, FADO CAMANÉ é um belo retrato do mais extraordinário intérprete de fado contemporâneo – para ele todos os adjectivos são poucos – propondo-se simultaneamente *revelador* do trabalho de construção de um disco em estúdio – Camané, os seus músicos, a imprescindível direcção de José Mário Branco, a cumplicidade criativa de Manuela de Freitas – e *revelador* do entendimento do fado por Camané, também como ele o exprime na primeira pessoa reagindo a perguntas. Há momentos de duas entrevistas no filme de Bruno de Almeida, a primeira realizada no estúdio de gravação do disco (a João Bonifácio, do jornal *Público*, que também aparece na imagem) e a segunda registada noutra espaço com a câmara fixa a enquadrar Camané em conversa com um interlocutor em *off* (o realizador). O primeiro momento desta “segunda” entrevista *aprofunda* o substancial que ouvimos antes – nas imagens em estúdio – com Camané a discorrer sobre o fado tradicional e a sua “fortíssima personalidade melódica”, a sua riqueza, verdade e autenticidade – também estas palavras dele –, “o chão” sobre o qual assenta a construção de novos temas. Trata-se, diz ele, de “construir uma canção dentro de uma canção”. Permitindo-nos, aos “leigos”, vislumbrar o que é esse universo do fado enraizado no fado tradicional e na sua reinvenção. O modo como o ouvimos “explicar-se” dá a medida do seu profundo conhecimento do ofício, da paixão e da exigência em estar permanentemente à altura delas.

A inteligência e a sensibilidade de Camané tornam sedutora a oportunidade de assim o ouvir, sendo que o próprio enquadramento de câmara fixa “casa” com a sensação desses momentos no filme de disponibilidade para o discurso. Em contraste com o modo mais “solto” com que a câmara (ou as câmaras) capta(m) o que acontece em estúdio durante as gravações do disco, imagens inestimáveis do muito que revelam do trabalho, da concentração, dos “papéis” desempenhados por Camané e José Mário Branco – “como um actor que está a ser dirigido por um realizador” nas palavras do próprio Camané. José Mário Branco é o “maestro”, aquele que dirige, dá indicações, assegura quando tudo está bem ou quais as modulações que é preciso tentar ainda para se chegar à perfeição de um tema, de uma interpretação, tom a tom, palavra a palavra, no sentido da justeza do registo de sentimentos, de emoções. Mesmo quando Camané, o perfeccionista Camané, não o pressentiu. “Camané, está feito!” “Hã...?” Ou: “Agora tem que vir a outra dizer se se arrepiá ou não. Eu acho que sim.”

Bruno de Almeida capta a essência desse espírito compondo FADO CAMANÉ com o precioso material filmado em estúdio e através de uma montagem bastante livre. Os *raccords* neste filme fazem-se seguindo uma ordem de respeito a esse *espírito*, soltos na banda de imagem e do som de uma lógica agarrada às convenções da progressão narrativa (Camané pode entrar na sala de gravações com uma camisa e sair com outra, por exemplo). Porque FADO CAMANÉ não é um filme sobre a construção de um álbum – como do porventura mais famoso “filme de músicos em estúdio” ONE PLUS ONE, que em 1968 juntou Godard aos Rolling Stones, se pode dizer que “é” (e “não é” ou “não é” só) um filme sobre a construção de uma canção (*Sympathy for the Devil*). FADO CAMANÉ é um filme “dentro” do estúdio de trabalho de Camané durante a construção de um disco (*Sempre de Mim*) fiel ao fundamental do que ali se passa. E à sua grandeza. Os fados – diz Camané – “são histórias, diferentes estados de espírito”. E o disco que ali os levou a todos? É um disco “sobre o amor em várias formas, o amor às pessoas, o amor à vida”, “tem um lado mais introspectivo e um lado menos introspectivo”, “tem as duas coisas, é um disco sério”. Pausas, reticências, “É um disco de fado.” Que fica feito. FADO CAMANÉ acaba com imagens do estúdio vazio, a imagem em parálitico ao correr do genérico.

Última nota para os momentos de descompressão. “Relief”. Quando ficamos a saber como Camané gosta e vê cinema – são várias as referências, incluindo uma ao grito surdo de o PADRINHO como a imagem de determinado fado (um grito para dentro) – e que pode citar a música e uma canção de Chaplin como uma favorita, que ele e José Mário Branco trauteiam ao piano. *Smile*.

Maria João Madeira